

**Texto lido na homenagem a Pancho Pillado.
Faculdade de Filologia, Universidade da Corunha,
30 de maio de 1996**

Celso Álvarez Cáccamo

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

ÁLVAREZ CÁCCAMO, CELSO (2011 [1996]). “Texto lido na homenagem a Pancho Pillado. Faculdade de Filologia, Universidade da Corunha, 30 de maio de 1996”. Edición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.

<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/141>>.

* Texto inédito até a súa edición en pdf en *poesiagalega.org*, dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir do arquivo facilitado polo autor/a ou autores/as.

**TEXTO LIDO NA HOMENAGEM A PANCHO PILLADO.
FACULDADE DE FILOLOGIA, UNIVERSIDADE DA CORUNHA,
30 DE MAIO DE 1996**

Celso Álvarez Cáccamo

Quando me convidaram generosamente a ler poesia neste acto, quigem argumentar que eu não sou poeta. Talvez a quem tentava convencer era a mim mesmo, e quase o consigo. De todas maneiras, enganado por uma insana inércia, aceitei este convite, e pugem-me a pensar qual poema meu poderia ler eu aqui que, de alguma maneira, me representasse. Porfim identifiquei um só, e fui buscá-lo. Mas quando o tive diante dos olhos o poema não estava. É dizer: a folha do poema estava aí, e todas as letras estavam aí, e todas as linhas conservavam ainda a mesma ordem, mas o poema não estava. E aí compreendi que na realidade eu não estivera namorado dum poema, mas da sua *réplica*, do vazio que fica no papel ao lermos um texto absoluto, da essência primitiva da palavra que é simultaneamente uma sílaba e a sua imagem. Porque o verdadeiro poema é aquele que conta *a irresolúvel distância entre o ser e as cousas*, aquele que, ao lermo-lo e apropriarmo-lo, se torna numa mancha branca, irrecuperável. Um livro perfeito de poesia é aquele que quanto mais o visitamos mais se vai esvaecendo, esvaziando-se página após página, trocando-se em memória. E no final da sua existência –que é a nossa– o volume perfeito só deveria conter espaços em branco. A poesia é a necessária morte da história, como a pintura é a morte de todas as geografias, como o teatro é a morte da vida, um outro território onde nos representamos como povo perante os que não são nós mesmos e por isso nos contemplam, ou perante os que não são de todo nós mesmos e por isso nos obrigam a representar-nos.

Nunca nos namoramos duma obra perfeita, mas do seu fantasma. O fantasma da poesia é como uma emulsão difusa e inapreensível que só se pode traduzir em formas. O fantasma da pintura é uma impressão cortante, linear, que só se pode traduzir em palavras. Formas e palavras são duas linguagens adversárias, paralelas, sempre condenadas a desencontrar-se.

Mas contra ambas combate ainda, diariamente, *uma outra* linguagem: é a linguagem dos actos, a que constitui a verdadeira História, com maiúsculas, a História que passa despercebida ao nosso lado enquanto somos enganados por um fulgor de metáforas legítimas, imprimidas nas factorias onde se constroem a golpes os poetas. E essa verdadeira História com maiúsculas, quando acontece –e acontecerá– deverá esquecer toda a boa poesia.

Penso que não sou poeta, nem obviamente crítico, nem sequer linguista, nem sequer um impostor. Só sei que parte de mim é um corpo que limita. Às vezes, na noite, quando a cidade se impõe como uma fria lâmina, reconheço a minha essência vulnerável e o privilégio que me assiste, e, alheio à minha história, componho textos sem título nem meta, como este, que por algo de acaso resultou ser dito, e espero que agora não exista.